

Inuvicta *Cine*

ANO X

N.º 169



ARMAND BERNARD

SEMANARIO ILUSTRADO
DE CINEMATOGRAFIA

PREÇO

50
c^{os}



INVICTA-CINE

SEMANÁRIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

-SINGRANDO CONTRA TODAS AS PROCÉLAS-

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:
ROBERTO LINO
E
SOUTINHO D'OLIVEIRA
REDACTOR PRINCIPAL:
ALVES COSTA
ADMINISTRADOR:
JOAQUIM TEIXEIRA
PROPRIEDADE DA
EMPRESA INVICTA-CINE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO PROVISÓRIA:
RUA DAS MUSAS, 45-PORTO (PORTUGAL)

ANO X
Número 169
PORTO
14 DE MAIO
1932

REDACTORES:
LISBOA: FERNANDO BARROS
E AGUINALDO MACHADO
PARIS: DANIEL MAYBON, ROBERT
GAILLARD, GEO POIRIER E MAURICE
HILÉRO
NOVA-YORK: ARTUR COELHO
VIENA (AUSTRIA): FRITZ MIKO
ROMENIA: SAMUEL STEINBERG
COLABORADOR ARTÍSTICO:
FERNANDO LACERDA

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPO-LITO
GONÇALVES & NOGUEIRA, LIMIT.-PORTO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

OLYMPIA

apresenta esta semana a deliciosa
opereta de luxo

NO PAÍS DOS SORRISOS

com música maravilhosa de Franz Lehar.
Uma obra oriental de novo estilo.
O famoso tenor alemão Richard Tauber
e a cantora de ópera Margit Suchy.

Brigith Helm em uma cena de «Atlantida», o último filme de Pabst que ainda êste mês se estreia no S. Luiz e que provavelmente só será apresentado no Pôrto, em Outubro. «Atlantida» é um filme que obterá um enorme êxito.



||| C'EST LE PRINTEMPS |||

Um filme que Portugal nunca verá

Há poucos minutos ainda, cômодamente sentado numa das muitas cervejarias do boulevard Haussman, enquanto saboreava um cigarro «Lucky Strike», vendo distraidamente passar pelo *trottoir* as belezas naturais do Paris que se diverte, pensava sinceramente que se o homem francês não é ainda a perfeição da educação moral e civil, atingiu já, no entanto, um lugar bem notável a que o português não pensa sequer aproximar-se. Assim é de facto. Eu sei que o leitor vai admirar-se, pasmar, tal a quasi inverossimilhança da minha afirmação. Está habituado, como eu estava, a ouvir as piores descrições da moral dos franceses, destes *sátiros obscenos* — são êstes os termos com que Portugal os classifica geralmente, — que fizeram de Paris, da sua Paris, que possui o Louvre, o Carnavalet, o Pantéon e a Notre Dame, uma cidade de gôso, uma cidade de amor ilícito, sensual, depravada, imoral, transformando a Luz que irradia do seu Quartier Latin em lâmpadas e holofotes eléctricos, que iluminam os *cabarets* e os *dancings* durante as bacanaís noturnas, que todo o viajante conta ao chegar à roda dos seus amigos conterrâneos. Mas não é assim, caro leitor; acredita-me. Os parisienses têm sim, o seu Montparnasse, o seu Montmartre, inundado de luz e de prazer. Mas não vão lá. Deixam os lugares de frequência para mim, para ti, para aqueles que vêm a Paris estonteados por essas luzes, por êsses prazeres, e ocupam modestamente, servilmente, o espaço de dentro dos balcões, junto à caixa registadora onde caem os francos e os escudos. Deixam-te sósinho, entregue ao Divertimento, à Pândega, e se tu durante a noite esmoreceres, então sim, batem as palmas e reclamam rápido do *garçon*:
— Champagne! Champagne!!!

Mas não são por isto imorais, *sátiros obscenos*. São quanto a mim negociantes inteligentes que exploram o melhor possível a fama tremenda que eu, tu, todos os estrangeiros, lhes arranjamos, depois duma lauta ceia bem regada de vinhos e duma noite libidinosa repleta de sonhos e beijos.

A sua moral continúa inalterável, pura, como os pés dos cantoneiros podem continuar limpos, se as suas botas forem de bom cabedal, forte, impermeável, por mais que a dura profissão os obrigue a pisar sem nexo a lama mais suja das valetas.

— Deixam que dois jôvens de sexo diferente se beijem à vista de todos. — Dir-me-hão.

Pois sim. Se é essa a imoralidade dos franceses, eu prefiro-a à grande moralidade portuguesa. E' menos perigoso, a meu vêr, o beijo num recanto do *métro* ou no arejado das *Avenues*, do que aquêles beijos que em Portugal ninguém vê dar — o parzinho escondido num recanto da escada, meia-noite dada na igreja visinha, os papás embebidos no primeiro sôno e só cá fóra na rua os passos monótonos e certos do fiel guarda-noturno.

E segundo parece, se acaso não me viciar também nesta *terra pecadora*, eu não sou tido por aí como um *sátiro obsceno*...

Veio todo êste arrazoado a propósito dum filme que hoje vi passar no *écran* do «Palace», ali no Faubourg Montmartre.

Em poucas palavras vou explicar-lhes o tema da película, anunciada cá fóra em grandes letras vermelhas como proibida para creanças e adolescentes do sexo feminino.

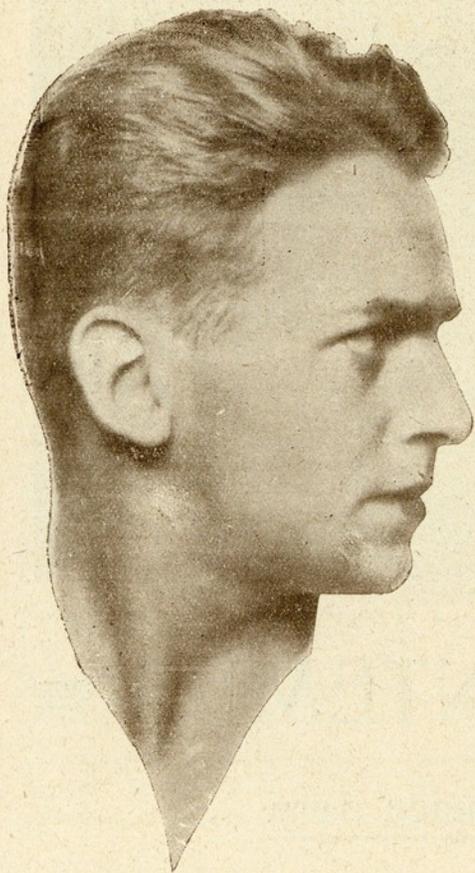
Intitulada «C'est le Printemps», apresenta a educação sexual dos menores e as consequências inalficas da não compreensão do valor destes ensinamentos. Produzida pela International-Film, com Ita Rina e Tonz van Eyck, maravilhosos quadros duma requintada beleza, cheios de boa arte, de movimento, de puro cinema, faz-nos apreciar a vida dos alunos duma escola mixta, a parte verdadeiramente secreta da existência dos estudantes novos, fazendo completo do receio instintivo dum rapaz e da fogosidade provocadora e natural duma aluna, do desconhecimento absoluto das pessoas antigas pelos novos métodos racionais de ensino, de quasi sempre errado zelo dos pais que obedecem mais aos seus primeiros impulsos, apreciáveis no entanto, de punirem sem emendarem, do que à inteligente condução do filho delinqüente para o caminho mais lógico, mais certo, mais natural. E geralmente trabalhada, consegue completamente o seu fim. A legenda: *Parents, ne les tuez pas!*, com que edita o seu título, ficou gravada no meu espirito indelevelmente, como por certo o ficou no espirito da enorme multidão que assistiu comigo à passagem.

Há tanta verdade na tese defendida que nenhum pai, estou disso bem certo, depois de a ter visto e pesado convenientemente, será capaz de punir um filho ou uma filha por não ter sabido ou podido reírear o seu natural temperamento ou a sua racional e instrutiva maneira de ser.

E esta interessante e lógica verdade é apresentada ao público de Paris em sessões permanentes, das 14 horas às 2 da manhã, com os lugares ocupados na sua grande parte por rapazes e raparigas de 12 a 25 anos, assistidas de perto pelos seus inteligentes *parents* que se antes da sessão, pelo seu espirito e indole já tratam as crianças com todos os cuidados, depois com certeza *ils ne les tuezpas*, conseguindo dêles aquela educação que eu vejo, que eu sinto, em todos os gestos, em todos os actos, em tôda a vida dos franceses.

E porque é que êste filme nunca será passado em Portugal? Tu já o sabes, caro leitor, porquê. Ninguém ou poucas pessoas o compreenderiam. Os papás teriam receio de levar lá as meninas e estas se por acaso lá fôsem, córiariam de cinco em cinco minutos, revendo-se no papel que a Ita Rina interpreta maravilhosamente, lendo as suas *fallas* escondidas, nas cenas que esta película apresenta naturalmente, sentindo o pêso do ambiente da

(Conclue na última página)



Neil Hamilton

A personalidade de Neil Hamilton

Na personalidade de Neil Hamilton nada se nota de sensacional.

A sua carreira tem sido coroada de espinhos, e passou por muitas amarguras.

Durante catorze anos, Hamilton foi inúmeras coisas: extra, actor de companhias ambulantes,

meccânico da fábrica de automóveis Ford, vendedor de cigarros, modelo, vendedor de acções. Chegou mesmo a dormir nos bancos dos jardins públicos.

Apesar de tudo, Hamilton conservou sempre o seu senso de humor e somente a sua grande fôrça de vontade fez com que pudesse realizar os seus sonhos.

«A minha pessoa nada tem de extraordinário» disse Hamilton aos que o entrevistaram.

«Na minha meninice, queria ser padre, mas o destino não quis que eu realizasse esta ambição. Ao contrário de sacerdote, tornei-me artista.

«Certo dia deixei a minha terra natal e empreendi viagem com destino a Nova York, à procura de êxito e fortuna. Levava a quantia de cinquenta dólares no meu bolso e a ambição de me tornar alguém neste mundo.

«Quando cheguei a Nova York, comecei a ronda pelos estúdios sem resultado algum. O director de elencos, do primeiro estúdio que visitei em Fort Lee, New Jersey, perguntou-me se eu sabia montar a cavalo, nadar e dansar. Respondi afirmativamente. Se êle me tivesse perguntado se eu sabia dirigir um aeroplano, a minha resposta teria sido a mesma... apesar de eu não perceber nada disso.

«Daquêle estúdio passei a outro, e a outro mais, sem resultado algum, até que certo dia recebi um recado pelo telefone, para me apresentar na Opera de Manhattan, à meia noite, em traje de rigor.

«Aluguei um «smoking» por dois dólares e meio... o primeiro que usei na minha vida! Gastei três dólares em maquillage e cinquenta centimos de taxi. E afinal pagaram-me só cinco dólares pelo papel de comparsa. Saí, perdendo um dólar, mas tinha finalmente conseguido trabalho e sentia-me contente. Cheguei ao teatro às seis da tarde para ter a certeza de chegar a tempo, apesar de me terem dito

que a filmagem era à meia noite. Quando bateu meia noite, conduziram-me a uma sala onde já havia outros rapazes todos vestidos em traje de rigor.»

Os olhos escuros de Hamilton brilhavam ao recordar-se daqueles tempos.

«Passei creme na cara e empoei todo o meu rosto. Pintei meus lábios dum vermelho vivo. Eu parecia mais um palhaço do que outra coisa.

«Depois disto, passaram-se semanas, meses e nunca recebia a chamada que aguardava. Os meus cinquenta dólares converteram-se em quarenta... de quarenta para trinta... e de trinta para dez, até ficar sem um centavo.

«Então comecei a percorrer outros estúdios, obtendo de vez em quando um dia ou outro de trabalho como extra, ou então trabalhava em troca de comida e noutros dias passava fome!

«Certa vez dormi na estação do caminho de ferro» disse Hamilton sem um traço de amargura na sua voz. «Outras vezes dormia nos parques, mudando dum banco para outro, afim de evitar encontros com os guardas.

«Assim se passaram seis terríveis semanas de fome e de cansaço. Por fim, um certo dia, alguém falou a meu respeito, por casualidade, ao pintor Joseph Leyendecker, e êste mandou-me chamar, propondo-me que posasse para os anúncios de certas casas comerciais. Jámais havia sonhado em ser modelo na minha vida, mas aceitei imediatamente e com grande alegria.

«Do estúdio de Leyendecker passei aos de outros artistas, entre os quais os de Charles Dana Gibson, James Montgomery Flagg, Howard Chandler Christy, Coles Phillips e muitos outros. Quando eu já pensava tornar-me modelo para tóda a vida, uma das casas comerciais para cujos anúncios eu tinha posado, abriu uma loja de chapéus de palha e propôs-me que ficasse como gerente. Este foi o melhor emprêgo que tive desde a minha chegada a Nova York. Mas os chapéus de palha não se usam senão no verão, e, com a chegada do inverno, fechou-se a loja, e encontrei-me uma vez mais no ôlho da rua e sem um centavo no bolso.

«Continuei lutando desesperadamente. Liguei-me a vários teatros de «tournées», trabalhei em fábricas, aceitei qualquer trabalho, com o único fim de seguir adiante até que conseguisse estabelecer-me como actor. Quanto mais obstáculos encontrava, maior era o meu desejo para alcançar o que tanto desejava.

«No meu caso, parecia que a má sorte era sempre seguida da fortuna. Eu podia ter uma boa oportunidade num momento e perdê-la noutro. Quando estava para me casar, pensava que já estava no caminho da glória numa companhia teatral. Na noite do meu casamento perdi êste emprêgo.»

Hamilton, contudo, não desanimou e pouco a pouco, os directores de elencos principiaram a reconhecer o seu mérito. O seu primeiro papel importante na tela foi «White Rose» dirigido por David Griffith. Outros papéis de herói seguiram-se a êste. Actualmente está sob contrato com a Metro-Goldwyn-Mayer por um longo praso e quási não tem tempo

(Conclue na última página)

A fama matou o amor de Lupe Velez

As revistas sempre ávidas em dar novos assuntos, em mostrar novas caras cinematográficas, deram um dia à luz da publicidade uma nova foto, uma cara desconhecida até aí nos arquivos incomensuráveis do deslumbramento fotográfico e que tanto seduzem o mundo cinéfilo.

Uma cara miudinha, de mulher pequena e voluptuosa, com uns olhinhos felinos e penetrantes, de gata ora mordente ora meiga, e onde se adivinhavam carícias, onde se entreviam arremetidas de ferazinha traiçoeira. Um nariz pequeno, em cujas narinas se sente a dilatação ofegante duma sensibilidade delicada e sensual.

Foi esta a primeira impressão causada por Lupe Velez. A sua fisionomia morena de mexicana ardente bastou para criar a atracção e fixar as atenções. Não recorreu a exagerados desnudamentos de carne, como algumas outras, não se valeu tampouco dumas pernas excitantes como Marlène Dietrich.

O seu rosto, a sua expressão, ganharam tudo. Lupe tem um grande «sex-appeal» que não é gerado apenas pela materialidade do seu corpo. Os seus olhos são dois holofotes potentes, bastantes para incendiar os ânimos masculinos. E neles está o ponto quasi capital e a razão do seu íman sexual. Isto observando-a como mulher.

Como artista, recomendam-na dois padrões: *O Gaicho* de Douglas Fairbanks o seu «dénicheur» e *Ressurreição*, uma película recentemente exibida nos nossos cinemas. Na primeira, Lupe exhibia-se num papel, embora ligeiro, duma certa preponderância para as suas faculdades de intérprete e que marcava o início da sua carreira. Era um caso de sedução, de mulher presumida. Na segunda, há a força dramática e violenta que bigorna os grandes artistas. Katoucha, essa figura de mulher tão apaixonada como ingénua, tão altruista como degradada, saída da mente de Tolstoï, e já patenteada em tempos por Dolores del Rio, teve em Lupe Velez uma reencarnação nada inferior à da sua antecessora.

*
*
*

Falei-vos num dos números passados na estranha Greta Garbo, na sua vida recolhida e incomunicável, alheia às distrações do mundo, fria e indiferente aos «passa-tempo» de Hollywood.

Pois agora, trazendo para assunto Lupe Velez, tenho de frisar o grande contraste que esta oferece com aquela. Com efeito, a melhor antítese de Greta Garbo na vida privada é Lupe Velez.

Se ela vivesse em Portugal, com êsse espírito bravo, irrequieto e expansivo que a caracteriza, não conhecendo entraves a qualquer desejo, eu não sei porque a tomariam. Se até na própria e livre América a consideram leviana!...

Vocês não imaginam, mas eu vou dar-vos uma ideia aproximada, de harmonia com alguma coisa que li a seu respeito em qualquer parte. Calculai-vos numa reunião elegante, onde deve aparecer Lupe Velez. Esta entra e sem a mais pequena cerimónia é muito capaz de sentar-se sobre os vossos joelhos, tratar-vos o mais familiarmente possível e pedir-vos um cigarro para fumá-lo descansadamente nessa posição que tomou.

Mas, aí de vós, se dais em cair nessa oportunidade franca da estrela para dar largas à vossa simpatia pela louca mexicana...

Esta não hesitará absolutamente nada, e sob o mesmo impulso leviano, em pregar-vos na face uma nada meiga bofetada, acompanhada dalgumas palavras desagradáveis. Corre nas suas veias êsse sangue impulsivo e enfurecido das mulheres apaixonadas de Espanha. Sente uma força irresistível a chamá-la para tôdas as pâdegas forjadas pelas notas trepidantes do «jazz» e pelo estoirar do «champagne». E gosta doidamente de se envolver nesse borborinho louco de prazer em que a consciência cede o lugar aos espumantes, apesar da lei sêca...

Festas elegantes, clubs noturnos, em todos êstes pontos de reunião surge Lupe. E todos a conhecem pela sua excentricidade folgazã.

Pois foi essa fama que lhe fez perder o seu primeiro amor e segundo ela afirma, o único.

Lembram-se certamente da paixão que a uniu durante algum tempo ao grande Gary Cooper. Todos os órgãos da imprensa se expandiram sobre o assunto. Depois, o rompimento das relações dêsse amor manifestado, de parte a parte, tão sincero. E porquê?

Lupe havia modificado muito a sua maneira de viver nesse período de enamorada. Quanto pode o amor! Tornára-se romântica, cheia dêsse romantismo tocante e infantil que entusiasma os namorados. Quando não havia que trabalhar no estúdio corria com o seu «pequeno» (ela chamava assim ao grande Gary) num automóvel e fugiam para o campo a ouvir o chilrear dos pássaros, a brincar às escondidas pelos bosques e a saborear lanches preparados

(Conclue na última página)



Lupe Velez

Paris às nove horas da noite, *magazins* fechados, acesos os réclamos luminosos, vem para a rua fazer a digestão do jantar. Vive então uma nova vida, movimentando os *boulevards*, enchendo até au *grand complet* os *dancings* e os *cabarels* de Montmartre e Montparnasse.

E' a hora *chic* dos cinemas que começam as suas sessões ao meio-dia e fecham as portas, ainda com muitos frequentadores, às duas horas da manhã, quando só os estrangeiros, a legião de *touristes* que todos os dias desembarcam no Quai d'Orsay, procuram uma nova casa de prazer, um prazer ainda desconhecido.

Geo Poirier, um bom *copain*, o magnífico camarada que na grande capital escreve para a *Invicta*, deu-me o prazer de jantar comigo, ensaiando desde logo e ali mesmo à mesa do hotel, o tremendo questionário com que iríamos preparados para falar com Carmen Boni.

E fomos. Chovia. Paris com chuva tem um novo aspecto. O asfaltado das ruas onde brilham as luzes — milhares de milhares de luzes! — parecem cristais imensos, espelhos enormes onde as casas se miram, vaidosas do capricho das suas caprichosas iluminações.

Um taxi providencial, como todos os taxis de Paris.

— Avenue Mozart, número 116.

Quinze minutos sem muitas paragens e aproveitando com a maior velocidade todos os Campos Elíseos. Lá no fundo, no bairro aristocrático, é que vive Carmen Boni.

Afinal não é no n.º 116 a residência da nossa entrevistada. O camarada Poirier tinha-se enganado. Enquanto vai chovendo, aquela chuva penetrante e miudinha *made in Paris*, nariz no ar, vamos procurando onde será. As porteiras, gentis, informam-nos como podem.

— Aqui não conhecemos. Deve ser na casa do lado ou ali defronte.



Carmen Boni e Bernard Kowoots numa cena do esplêndido filme «Rapaz ou Rapariga?»

Carmen Boni entrevista pela «Invicta-Cine»

Debaixo de chuva na Avenida Mozart — Jornalistas, o «laissez-passer» mundial — A intimidade ideal — Os olhos de — As mãos que parecem tenazes.

E na casa em frente, e em tôdas do lado não é também, ninguém conhece Mademoiselle Boni.

Começamos a desesperar. A água, quando olhamos para o ar, cai-nos já pela beira do chapéu, pelo pescoço abaixo.

Carmen Boni ficará sem visita e os leitores da *Invicta-Cine* sem uma dúzia de impressões da talentosa italiana.

Mas Geo Poirier tem uma ideia. Procura no Anuário, com cuidado, com paciência. A umas tantas fôlhas, lá num canto, num tipo microscópico, meio safado, lá está: — Boni (Carmen) — 106, Avenue Mozart.

Estavamos já perto.

— Segundo, à esquerda — informa-nos a porteira.

No segundo, uma criada que nos atende com frieza, quer saber quem somos e o que pretendemos.

Jornalistas? Parece que é costume usar-se êste *laissez-passer* para satisfazer o formidável desejo de *fan*. Mostramos documentos, e então já mais confiante, introduz-nos numa sala redonda, repleta de livros, num lado uma *câmara* de filmar, no outro um piano francês, ao fundo uma secretária pejada de papéis, com um lindo candieiro verde e um solitário donde saiem, frescas, mimosas, algumas margaridas côr de palha, enquanto vai comunicar a visita à senhora, Mademoiselle Boni.

Carmen Boni não se faz esperar. Ouvimos já os seus passos no corredor ao lado. O camarada Poirier, com um sinal, faz-me compreender que já a vê vir em direcção a nós, ao salão redondo. O momento é quasi solene. Lembro-me rapidamente dos cinéfilos do Pôrto que a adoram, que querem muito à Carmen Boni. Pudesse eu tê-los ali a meu lado, todos em fila, e quando ela chegasse, eu os apresentaria um a um, para que ela os cumprimentasse, os olhasse bem, lhes sorrisse.

Mas não. Estava sósinho, sósinho com o Poirier que é parisiense e com a *Invicta*, com a vossa *Invicta* debaixo do braço. E assim abstracto, só dei por ela quando me fixava, depois de ter já saudado o meu camarada, enquanto esperava que eu aceitasse para o democrático cumprimento, a sua mão bem tratada.

E principiou a falar num francês adorável, aqui e ali acentuado, como sempre falam os estrangeiros. — Jornalista português? Entendo bem o francês, o italiano, o espanhol. Eu compreendo regularmente tôdas as línguas latinas. Têm palavras parecidas que quasi sempre querem dizer a mesma coisa. Sirvam-se de cigarros, são italianos, são da minha terra.

E enquanto vou tirando fumaças longas no *Macedônia* perfumado e observando bem, meticulosamente, Carmen Boni, Geo Poirier, à vontade, vai fazendo uso do questionário da entrevista, previamente ensaiado durante o jantar no hotel.

O que êle lhe perguntou e o que ela lhe disse, quasi que não ouvi.

Para vos dar leitores a minha impressão de Carmen Boni, só gastei o tempo olhando-a bem, fazendo-lhe perguntas que nada têm de cinematográficas, registando tôdas as pequenas coisas de sua vida íntima — íntima no salão redondo onde nos recebeu, onde ensaia as canções que o cinema sonoro lhe

exige, onde estuda os seus papéis, onde toca, onde lê, onde pensa.

Esta intimidade é a única que te deve interessar, como é a única que a mim interessa. Nunca desejaria devassar a outra intimidade — a de sua alcôva, a do seu *boudoir*. Se o fizesse nunca mais Carmen Boni seria para mim a admirável artista que tanto admiro na tela. Não passaria mais duma mulher como tantas outras, com as mesmas virtudes, com os mesmos defeitos, somente, simplesmente mulher.

Carmen Boni na simplicidade do seu quarto não seria mais do que uma vulgar mulher e tu deixarias, como eu, de ter o seu retratinho rodeado de flores e ilusões no ponto mais resguardado da mesinha de cabeceira.

Carmen Boni é uma deliciosa mulher, tipo magro mas elegante, *élancée*, quasi esguia. Tem, com diferença de alguns centímetros, a minha altura — 1 metro e 73 — que ao andar, pisando forte, deixa quebrar suavemente, dando à sua apertada cinta um bamboleio gracioso que mal se nota, tão escondido fica pelo mecher dos braços compridos. Quando se senta curva o tronco, enrodilha-se como os gatinhos mimalhos, olhando as pontas dos pés minúsculos, abaúlndo as rectas perfeitas do dorso. Cabelo preto, muito negro, bem latino, riscado a meio, com as pontinhas a cair sôbre os olhos castanhos escuros, grandes, com alguma coisa de muito profundo, misterioso e insondável.

Os olhos de Carmen Boni, dôces, acariciadores, parecem duas longas cavernas escuras com um imã invisível a atrair, a provocar para o pecado que os seus lábios finos, que escondem uma linda fila de dentes brancos e uma bôca rasgada e sensual, prometem ao sorrir.

As narinas de quando em vez abrem-se sequiosas de ar, daquele ar puro que Carmen Boni adora, tão diferente do ar de *chauffage*, falsíssimo, que se respira em Paris.

Paro de a olhar. Poucos segundos. O tempo necessário para lhe fazer duas perguntas rápidas a que responde mais rápida ainda:

— Sim, toco piano; mal, talvez. Gosto de músicas italianas e de alguns trechos húngaros, valsas de Viena...

— Adoro as flores, — tôdas as flores! — a natureza, o sol.

E com fôrça e ternura:

— O sol é a melhor coisa que existe na Vida! Geo Poirier que não parou ainda com suas perguntas essencialmente cinematográficas, provoca agora, seguindo o curso das minhas palavras, uma resposta curiosa que registo avaramente.

— A moda prejudica a saúde. Eu não gosto da moda. Uso-a por obrigação natural, como o senhor usa monóculo e colarinho...

E sorri, alegre, mostrando agradecer-lhe o bombardeamento das nossas perguntas, aquela intimidade de *têl-à-têl* parisiense, com uma linda artista e dois modestos jornalistas, a conversar, numa sala acolhedora, enquanto lá fóra a chuva miudinha continúa a cair.

Falo-lhe em Portugal, nos cinéfilos portugueses. Conhece-os bem, recebe muitas cartas dêles a quem

nunca deixou de responder. Refe-se a êles com carinho, com ternura, chamando-lhes *mes petits amis* numa voz meiga, de saúde.

De vez em quando faz gestos largos com as mãos fortes, grandes, rudes, que parecem tenazes, prêsas, como a apanhar possíveis personagens que a sua conversa abrange a correr, sem detença. Um anel, um grande anel que se segura num dedo da mão direita, tem então rebrilhos ao voltar-se para a luz, rebrilhos que dão às suas mãos grandes, compridíssimas, mais aspecto ainda de prêsas, de tenazes.

Geo termina a entrevista. Levantamo-nos. De fugida olho para as estantes, a tôda a volta do salão redondo. Livros de Zola, de Kessel, de Wallace. Novelas policiais em quantidade, literatura diversa, heterogenia de autores.

Curvada sôbre a secretária, Mademoiselle Boni vai autografando os fotos que nos oferece, riscando a minha «Pelikan» com suavidade, tão diferente do que era de esperar daquelas mãos fortes, daqueles dedos magros mas compridos, lanças afiadas lá na ponta, nas unhas rosa, brilhantes.

Despedida afectuosa, trocando saudações como se já fôssemos velhos amigos, prometendo encontro, *rendez-vous* para breve.

Já na rua, enquanto puxamos para o pescoço as golas dos sobretudos e calçavamos as luvas, diz-me Geo Poirier, convictamente:

— C'est gentille! N'est-ce pas?

A que respondo, olhando as gotas de chuva caindo no asfaltado:

— Oui, très gentille!

Paris, Maio, 1932.

E M Í L I O L O U B E T



Carmen Boni

ARGUMENTO DE

TRADER HORN

Aloysius Horn vive há longo tempo na Africa Equatorial. E', por assim dizer, um retrógrado, um misantropo, que repudiou para sempre a civilização europeia. O tumulto das grandes cidades não o atrai — e sente-se melhor passando horas e horas diante da sua feitoria, a olhar as pirogas que descem o rio, a escutar o canto nostálgico dos remadores e a seguir no céu o vôo das aves.

Certo dia, junta-se-lhe mais um amigo — filho de um dos seus melhores camaradas. O jovem Perú (assim se chama o recém-chegado), quer vêr o Continente Negro, mas imagina que uma exploração na Africa Equatorial, na região dos Grandes Lagos, será talvez como um passeio amêno, recreativo e, sobretudo, tranquilo, sem precalços nem inquietações. Depressa, porém, se dissipa a sua ilusória miragem. A' prôa duma piroga, com o seu inseparável bandidolim, prestes a cantar um «motivo» de «jazz», o incauto rapaz estremece de pavor se os crocodilos rodeiam a frágil embarcação. Mas são só êstes os mal-humorados ouvintes do pobre Perú? Não. De vez em quando também aparecem grossos e ventru-dos hipopotamos, com aspecto bastante inquietador.

Outras atribulações, não menos angustiosas, aguardam ainda o timorato Perú. A fome faz-se sentir... Horn manda que transportem a piroga para o meio do rio, mas logo que se encontram na cabana e o negro Renchero, que serve de guia e de porte espingardas, se estende sob as mantas, são terrivelmente sobresaltados pelos urros das feras selvagens. E cáem então num perigo maior. Depois de haverem percorrido uma pequena parte da sinistra floresta, sentem-se perseguidos por uma tribo bárbara que, descobrindo a presença de homens brancos no seu domínio, tinha consultado os feiticeiros e deliberado exterminar quem não fôsse da sua raça.

Sonoros «tans-tans» retinem. A perseguição inicia-se agora com mais cruel e implacável ferocidade.

Perú, trémulo, possuído de um pânico indescritível, quer voltar para a margem do rio e escapar ao gentio embravecido. Horn recusa terminantemente:

— Quando eu começo uma coisa, vou até ao fim!

Basta olhar o rosto de Horn, os seus traços rudes, para compreender que êle não vergará diante de nenhum homem. Felizmente que a espingarda de Horn realiza prodígios e Perú começa a estar confiante...

Uma tarde, quando êles se preparam para gozar um repouso bem merecido vêem avançar uma mulher, uma inglesa, a única que vive entre as tribus selvagens. Horn pergunta à desconhecida em que lhe pode ser útil no meio de tantos e tão temidos perigos.

E o diálogo estabelece-se:

— Procuo minha filha, que perdi há alguns anos... Foi-me roubada pelos pretos e não sei ainda hoje se está morta ou viva... Ouvi dizer que uma

deusa branca reina na tribo dos Isorgas e eu tenho o presentimento de que é ela.

— Mas os Isorgas são particularmente selvagens!

— Tudo conseguirei...

Decorrem alguns dias — e, por acaso, Horn e Perú voltam a encontrar, mas desta vez estendida sobre umas pedras, e já morta, a piedosa missionária com quem tinham falado já. A pobre mulher havia sido vítima da fúria dos Isorgas, a tribo maldita, para a qual êles se dirigem. Dão sepultura ao cadáver e continuam a jornada, tristemente, dolorosamente...

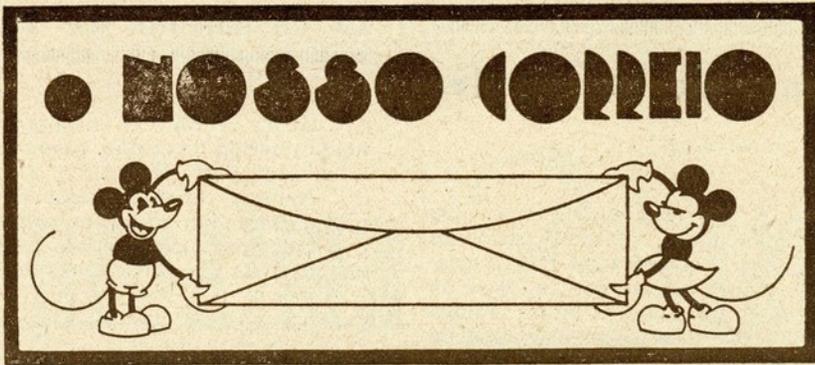
Em plena tribo, o feiticeiro ordena que os dois europeus sejam supliciados. Súbitamente, como uma aparição fantástica, entra na cabana onde Horn e Perú esperam a morte uma elegante e formosa rapariga branca. E' Nina, a deusa da tribo — com os seus lindos cabelos de ouro caídos sobre as espáduas. Mas traz na mão um chicote e com êle retalha a cara dos dois europeus. Encarniça-se especialmente sobre Perú. Entretanto, surgem os negros. Nina afasta-os com redobrada violência, abre caminho a golpes de heroicidade e conduz os brancos até ao extremo da floresta. O combate com os selvagens é desigual e perigosíssimo... Felizmente, Renchero troca-lhes a pista, ao mesmo tempo que Perú e Horn amparam a jovem Nina e a levam para a margem. Renchero mais uma vez releva a sua extraordinária temeridade em defeza dos seus patrões, matando um leão no próprio momento em que a fêra se lança sobre o corpo escultural de Nina.

Já próximo de sua casa, Horn compreende que é necessário sacrificar o seu amor pela «Deusa Branca». Perú é o mais novo, o mais esbelto — o preferido da fascinadora rapariga. E num amargo sorriso de contentamento, alegre, e resignado, embarca Perú e Nina, agora transfigurados pela felicidade, ficando sózinho na selva, na selva misteriosa e sombria, com a única e dedicada amiga de tantos anos — a sua fiel espingarda...



Meus Caros

Amigos: A eleição da madrinha veio provocar uma balbúrdia medonha na minha papelada. E como muitos de vocês, juntamente com o vosso voto para a eleição, fizeram também diversas perguntas, ainda mais vieram atrapalhar a minha vida ajudando assim a transformar num caos a minha escrivania... Por estas razões é muito possível que eu não responda a algumas das vossas cartas, que eu me esqueça de algumas das vossas perguntas. Não me levem a mal e voltem a escrever-me; assim provam-me que me perdoam.



Agora outra coisa. Vocês têm notado que o tempo está aquecendo? vocês repararam que o sol já queima muito regularmente e nos está convidando a irmo-nos estirar sob seus raios acariciantes?

Pois bem, aos domingos e às tardes de sábado, ao menos, não fiquem encafuados nos cafés, respirando numa atmosfera má e viciada. Fugam para as praias e para os campos. Levem os vossos fatos de banho. Exponham-se ao ar e ao sol. Façam exercício. Ide para a Foz, para Matosinhos, para o rio Leça e nadem, remem, corram, respirem a plenos pulmões e tóstem-me essa pele!

O homem do chapéu branco—Recebemos sua carta. Por enquanto não temos nenhuns esclarecimentos a dar-lhe. Mais tarde os receberá directamente da S. F. S. P. ou por nosso intermédio.

Alberto A. da Fonseca e Cruz—Vão-lhe ser enviados os memoranduns da S. F. S. P. como você deseja. As suas intenções são das mais louváveis. Disponha sempre.

Minoz—Bravo! vocês estão agora a vêr bons filmes em Ponta Delgada. Obrigado pelos informes que me vem dando. Já lhe disse que a última versão de *Ressurreição* foi interpretada por Lupe Vêlez e Gilbert Roland e não por John Boles. Ou o seu amigo leu mal ou a tal revista se enganou. *A Legenda*, de Coimbra, suspendeu a publicação. Escreva mais vezes, lei-o sempre com muito prazer.

Um apaixonado por Loiras I—Ora viva! Ainda não se sabe quando será realizado o primeiro filme sonôro em Portugal. Creio que Artur Duarte não virá trabalhar para cá. Sobre a S. F. S. P. leia o que temos dito em números anteriores. Encontrará todas as indicações que deseja, sobre a compra das acções. Eu e o A. C. nunca parámos em sítio certo por isso não será fácil encontrar-nos. Escusa de nos vir procurar à redacção, porque é raro lá estarmos. Você desculpará não aceder ao seu pedido mas é contra os nossos regulamentos responder particularmente. O seu postal ficou apreendido. Não se zanga pois não? Também não temos os números 5 e 6. Será difícil encontrá-los. Até breve. Pergunte sempre.

Frita Laranjas—O Sr. «Maria Cachucha» (Estrada da Beira, 35, Coimbra) pede-me que lhe comunique que tem para vender ou trocar os n.ºs 1, 2 e 4 da revista *Cinéfilo*, desejando por isso entrar em relações consigo. É conveniente dirigir-se-lhe directamente.

Harold's Loios—Olhe que a sua ideia não é má de todo, mas o peor é que o espaço para

essa coisa não é demais. Se você quiser estar com êsse trabalho mande o tal cartaz, verei o que se pode fazer. O Estúdio da S. F. S. P. será instalado em Lisboa (leia os últimos números). O velho estúdio da *Invicta Filme* não será aproveitado. Ser-lhe-á enviado um memorandum da S. F. S. P., de acôrdo com os seus desejos. Até breve. Sempre ao seu dispôr.

Adozindo Matos—Pois meu caro amigo, eu ia jurar que Você já não lê a *Invicta* há três ou quatro números... porque de contrário não diria o que disse a propósito da S. F. S. P., a respeito da qual nos temos fartado de falar.

Ora folheie os números 165, 166 e 167. É possível que se venha a arranjar o bonus que Você quer, mas ainda é problemático. Escreva-me quantas vezes quiser, nunca me importuna. Pelo contrário.

Frederico Guilherme Seiz—Obrigado pela sua carta. Recebi na verdade uma carta dêsse seu amigo, carta que anda para aqui no meio dêsse monte de papelada referente à eleição da Madrinha. Peça-lhe desculpa por não lhe ter respondido mas é que se eu fôsse a responder a todos os que me escreveram só para me darem o seu voto eu nunca mais punha o correio em dia. E assim mesmo, sabe Deus... Não recebi até agora nenhuma carta dessa sua amiguinha. Todavia muito obrigado pela publicidade que me tem feito. Vejo que Você é um rapaz «fixe». Merece um grande abraço.

Sequiôsa de Amor—Lá por isso estou ao seu dispôr... Você arranjou agora um pseudônimo que lhe fica a matar. Mas olhe que aquele amigo por quem Você pergunta anda na mesma...

Afinal a Betty Amman ainda não esticou o pernil. Teve sorte... Não me parece que a Greta abandone o cinema. Isso que para aí se diz é só palavreado. Parabens por ter recebido uma foto do Chevalier. Obrigado pelos beijos que... estou proibido de retribuir. Todavia mande sempre. Eu distribuo-os pelos camaradas.

Maria Cachucha com quem dormes tu—Sim senhor. Gosto do seu entusiasmo pelo cinema nacional. Já lhe foram enviados memoranduns da S. F. S. P.—O número de partes corresponde ao número de bobinas, as quais, no mesmo filme, costumam ter a mesma metragem. Alguns filmes recentes de Kate de Nagy, já estreados em Portugal: *A Loucura de Monte Carlo*, *A Princesa Encantadora* e *Um Homem Feliz*. Mande sempre.

A M O K

BONUS

Oferecido aos leitores da INVICTA CINE pelas Ex.^{mas} Empresas dos Cinemas:

AGUIA D'OURO

50 % de desconto em todos os lugares na matinée do dia 21 de Maio de 1932.

OLYMPIA

50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 19 de Maio ou 21 de Maio de 1932.

O D E O N

50 % de desconto nos lugares de Fauteuilles e Balcão no dia 21 de Maio de 1932.

As crianças que por ventura forem acompanhadas do portador deste BONUS, não têm direito a entrada gratuita.

A fama matou o amor de Lupe Velez

(Conclusão)

pelas mãosinhas que o Gary lambia de beijos. Ou então, metiam-se num cinema, perdidos entre os espectadores, a vêr fitas, a comentá-las e a apreciarem-se a si próprios. Eram felicíssimos um ao pé do outro. Mas Hollywood começou a notar aquela união das duas almas e por toda a parte se começou a falar dos amores Gary Cooper-Lupe Velez.

*

* *

A mãe dêle não gostou da história e preparou-se para destruir aquele amor correndo vertiginosamente para o casamento.

A reputação da pequena mexicana não lhe agradava. Ela não era digna dêle, disse ao filho. E convenceu-o, mais ou menos.

Imagem agora o furor da perturbante garôta, ao saber o que pensava da sua pessoa, a mãe do seu apaixonado. Não se conteve, todo o dia andou nervosa, correndo pelos cantos do estúdio como uma ferazinha enraivecida, depois em casa partiu louça, chorou, altercou com as criadas sem razão nenhuma e parece que no fim de contas chamou muitos nomes feios à rabugenta e intolerante da sua provável futura sogra.

O tempo curou-a sem demora, graças à jovialidade do seu temperamento, sem deixar no entanto de amar o seu Gary. Mas, parece impossível, êle deu crédito ao que lhe disse de mim, sua mãe e pronto: rompi relações com êle. O Gary ama-me ainda, mas já não tem confiança em mim. Isto, dizia Lupe Velez a uma jornalista de Hollywood, ao entrevistá-la sobre o caso. E acrescentou presurosa: «Aquele mãe e muito má. Disse-lhe que, quando eu, há pouco tempo estive em Nova Yorke, com certeza andava à procura doutros homens. E que não lhe era fiel. Ele acreditou piamente nas insinuações torpes da mãe. E' tão fraco, coitadinho! Crê em tudo que lhe dizem e muito mais na sua mãe. Mas é falso. Eu não fui lá para isso. Desde o primeiro dia em que amei Gary, jámais lhe fui infiel. A mãe disse-lhe ainda muitas outras coisas a meu respeito: que o que eu queria era alegria, «borgas», dinheiro, divertimentos e festas. Eu nunca quis o seu dinheiro. Tenho o meu. Quanto ao resto, êle sabe bem do que fui capaz pelo seu amor. O que mais me irrita é vêr a sua família sugando-o até ao último centavo».

Lupe Velez não era mulher para se ficar a lamentar por muito tempo a sua sorte. O seu espírito é assim arrebatado e louco. Confessando que não deixará de amar nunca o intérprete de *Ruas da Cidade* e sabendo que êste continúa a pensar nela, atirou-se apesar de tudo para a sua antiga liberdade, flirtando com uns e com outros, voltando de novo aos clubs e às festas com o sucesso retumbante de antes.

Mas é muito possível que, intimamente, o seu estado de espírito já não seja aquêle que a animou antes da sua paixão amorosa.

Talvez agora mascare uma mágua, abafada caprichosamente nas profundezas da alma, por um desejo insensato de se desforrar da fraqueza do ente querido e da crueldade da mulher que não admitiu a sua franqueza expansiva e violenta de rapariga alegre e divertida. Talvez...

J. A. L. V. E. S. D. A. C. U. N. H. A.

O casamento de Henry Garat

Henry Garat, o inseparável companheiro da nossa querida madrinha, casou-se, recentemente, com a bailarina Betty Rowe.

Após a cerimónia nupcial, o simpático artista partiu para Berlim acompanhado da sua consorte.

Folgamos imensamente com a notícia, embora algumas das nossas leitoras tenham feito «biquinho».

C'est le printemps

(Conclusão)

história, como se fôsse o seu próprio ambiente — a sala da sua aula, a sua alcôva íntima, os beijos quentes que já deram, no escondido da escada enquanto dormem lá dentro e cá fóra o guarda-noturno dá as tais passadas certas e monótonas...

Os rapazes como tu, dariam grandes gargalhadas, como se a vida — aquela vida que anda escondida pelo manto negro do Preconceito — tivesse muita graça e já não fôsse bem conhecida de todos.

Em Portugal, entre nós, há ainda, infelizmente, muita falta de educação, de instrução, que permita, comodamente sentados nas cadeiras dum cinema, ver exhibir-se um filme que apresenta chagas verdadeiras, quanto mais uma produção que nos mostra a Natureza, tal qual ela é, criadora, ferosa, — Natural!

Por isso, caro leitor, não verás este filme. E olha que perdes alguma coisa com isso! Só só se fizeres as malas e vieres até aqui a Paris, assistir, depois da sua precepção no «Palace», a uma sessãozinha barata em qualquer pequeno cinema do bairro pobre! Sim, porque os filmes como êste, que aí pomposamente se intitulam *para intelectuais*, aqui na cidade da Luz são exibidos também às classes de menor reputação, à gente menos abastada. Como o cérebro está em todos mais ou menos desenvolvido, a educação chega a toda a parte, vai a todos os bairros, desde os Campos Elisios às furnas escuras das margens do Sena, desde os *boulevards* às *cités* afastadas, paupérrimas.

Paris, Maio, 1932.

E M Í L I O L O U B E T .

A personalidade de Neil Hamilton

(Conclusão)

de descansar entre os filmes, pois sempre está sendo escolhido para interpretar em quasi todos os filmes da marca «Leão».

«A dura experiência que tive,» disse Hamilton, «foi uma escola difícil, mas também foi a melhor do mundo. Se eu tivesse que começar a minha vida de novo, estou certo de que a recomençaria exactamente da mesma maneira. Assim posso dar mais valor ao êxito obtido.

«Talvez o meu passado não seja lá muito glorioso, mas é muito satisfatório pensar que se saíu com certo êxito de tantas provas duras.»

O R I T A L A G E .

Tendo-se partido 4 páginas da nossa revista, somos obrigados, bem contra a nossa vontade, a publicar o presente número somente com 12 páginas.

Que os nossos leitores nos perdoem.

Na próxima **2^a** feira

O FAMOSO FONOFILME

TRADER

HORN

entra na **2^a**

SEMANA DE EXIBIÇÃO NO

AGUIA D'OURO

CASTELO LOPES, L.^{DA}

A firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos

Apresenta ainda este mês
nos cinemas Águia d'Ouro
e Trindade a famosa obra
de Charlie Chaplin (Charlot)

LUZES DA CIDADE

A super-produção que
maior sucesso obteve até
hoje em Portugal, exhibin-
do-se consecutivamente há
15 dias, em Lisboa, nos
cinemas S. Luiz e Condes
